

Ecumenicidade na pastoral no ensino superior confessional católico

Ecumenicity in ministry in catholic confessional higher education

Alison Humberto Furlan¹

Resumo

A pluralidade do mundo acadêmico é uma riqueza na perspectiva de produção científica e na diversidade espiritual dos membros que compõe esta comunidade. No entanto para o ensino superior católico, é preciso estar atento a algumas questões, para que não se perca a matriz carismática específica da Instituição, sendo ecumênica e estando em sintonia com as realidades que ali convivem. E aí está o papel da pastoral, na ecumenicidade articular todos estes processos intrínsecos a matriz católica, chamando todos ao diálogo e a fraternal convivência.

Palavras-chave

Pastoral. Ecumenismo. Ensino superior católico.

Abstract

The plurality of the academic world is a treasure in the perspective of scientific production and in the spiritual diversity of the members who are part of this community. However, for catholic higher education, it is necessary to be attentive to some questions, so that it does not lose a charismatic matrix determining the Institution, being ecumenical and constituted in tune with the realities that live there. And there is the role of the Ministry, in the ecumenicity articulate to these intrinsic processes a Catholic matrix, focusing everyone to dialogue and fraternal coexistence.

Keywords

Ministry. Ecumenism. Catholic higher education.

INTRODUÇÃO

O presente estudo surge da necessidade de concentrar informações que ajude na execução de uma pastoral no ensino superior católico, de forma ecumênica, visto a complexidade de ser uma pastoral confessional num ambiente aberto a tantas possibilidades de pensamento, crenças e de fé.

Além de atingir os que professam a mesma fé, é preciso ter nos projetos das ações dessa pastoral as demais forças que podem se agregar nos movimentos pastorais na academia. São forças para a solidariedade, para o diálogo, para movimentos pró-vida e para a partilha da fé cristã.

Se a pastoral aí não for ecumênica ela não atingirá a globalidade de sua função, e não terá forças o suficiente para os grandes movimentos. Pode ser que se crie até forças opostas, adversas ao projeto, o que gera um ambiente tenso e dividido.

¹ Bacharel em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Contato: iralison@grupomarista.org.br.

Optou-se pelo termo ‘ensino superior católico’, para melhor definição do tema. Existem instituições que são faculdades, outras, centros universitários e as universidades. Para englobá-las de forma mais prática e universal, opta-se pelos termos acima citados.

Que esse texto possa ajudar a muitos pastoralistas do ensino superior a superar algumas barreiras, e abrir as portas da sua pastoral à universalidade que é a Igreja de Cristo, presente no pequeno rebanho da instituição de ensino em qual atua.

1 O ENSINO SUPERIOR E CATÓLICO

Uma unidade de ensino superior deve estar aberta ao conhecimento, aos pensamentos diversos que surgem para dar aparato a novos projetos, e novos avanços nas ciências que surgem a partir da diversidade dos indivíduos que a compõe.

Quando esta instituição é confessional, além dessa abertura, também deve estar atenta aos fundamentos e valores dela, pois aí há valores intrínsecos, nos quais se acredita que possam mudar as realidades e tornar a sociedade um lugar de experiências saudáveis e de vivência da ética e moral, onde a vida se dê em maior plenitude.

Para o ensino confessional católico, o Documento de Aparecida prevê:

Terão que desenvolver com fidelidade sua especificidade cristã, visto que possuem responsabilidades evangélicas que instituições de outro tipo não estão obrigadas a realizar. Entre elas se encontra sobretudo, o diálogo fé e razão, fé e cultura e a formação de professores, alunos e pessoal administrativo através da Doutrina Social e Moral da Igreja, para que sejam capazes de compromisso solidário com a dignidade humana, de serem solidários com a comunidade e de mostrarem profeticamente a novidade que representa o cristianismo na vida das sociedades latino-americanas e caribenhas. (CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO, 2007, p. 155).

Para o desenvolvimento dessas ações, faz-se necessária a constituição de uma equipe de pastoral, que seja a primeira responsável por tornar o ensino superior católico, um ambiente em pastoral.

A pastoral universitária é aquela atividade da Universidade que oferece aos membros da própria Comunidade a ocasião de coordenar o estudo acadêmico e as atividades para-acadêmicas com os princípios religiosos e morais, integrando assim a vida com a fé. Ela concretiza a missão da Igreja na Universidade e faz parte integrante da sua atividade e da sua estrutura. Uma Comunidade Universitária, preocupada em promover o carácter católico da instituição, deverá estar consciente desta dimensão pastoral e ser sensível aos modos com os quais pode influir em todas as suas atividades. (JOÃO PAULO II, 1990, n. 38).

Junqueira nos exemplifica melhor essa questão, elencando quatro pontos, sendo que o segundo destes nos coloca dentro do assunto específico deste artigo: o ecumenismo na pastoral do ensino superior.

Diálogo com as culturas e outras religiões, reconhecendo que o espírito é dado ao mundo e que, graças a Ele, as culturas e religiões podem manifestar valores evangélicos, nossa atitude é de respeito e escuta aos interlocutores, tão plural no mundo acadêmico (JUNQUEIRA, 2003, p. 32).

O ensino superior católico não deve apenas *ter* uma pastoral, mas sim *ser* em pastoral. Não deve ter apenas um grupo que seja responsável por articular ações pontuais que divulguem os ideais institucionais, mas deve ser em pastoral, onde todos possam responsabilizar-se e dar prioridade aos valores propostos para uma comunidade acadêmica melhor e quiçá uma sociedade melhor.

Vale ressaltar que por ser católica, a universidade é ecumênica. Por mais que a Igreja católica tenha relutado contra o movimento ecumênico, por ter uma visão exclusivista da verdade, no Concílio Vaticano II, ela se abriu, agora de maneira irreversível, ao diálogo e aproximação de outras denominações cristãs, como expresso no decreto sobre o ecumenismo *Unitatis redintegratio*.

Foi superada a visão, quase que anticristã, de que o corpo místico de Cristo era a própria Igreja Católica Romana. O documento acima citado, ao descrever que a Igreja de Cristo subsiste na Igreja católica afirma haver elementos escatológicos de santificação e verdade em todas as comunidades cristãs.

O decreto sobre o ecumenismo retoma essa abertura proporcionada pela *Lumen Gentium* e reconhece que muitos e exímios elementos ou bens que edificam e vivificam a Igreja ‘podem existir’ fora de seu âmbito específico; com “a Palavra de Deus, a vida da graça, a fé, a esperança a caridade e outros dons interiores do Espírito Santo e elementos visíveis” (UNITATIS REDINTERATIO n° 3). (TEIXEIRA, 2013, p. 158).

A partir de textos como esses percebemos que ser católico significa ser ecumênico; está na essência e na legislação da catolicidade a ecumenicidade. Ela nos torna universais. Caso contrário estamos sendo infieis aos propósitos que tanto buscamos levar ao mundo. E isso requer uma grande abertura para que se entenda a dinâmica religiosa do outro. Para que se acolha o plural; e isso exige uma nova forma de fazer, ou uma aprimoração na forma do que já está sendo feito em muitos lugares.

Se para alguns ainda é estranho o ecumenismo dentro da pastoral do ensino superior católico, podemos aqui citar a *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, na qual estabelece a liberdade como direito fundamental, e essa liberdade supõe também a liberdade religiosa. Nesse sentido, temos a declaração sobre a liberdade religiosa *Dignitatis humanae*.

Com a declaração sobre a liberdade religiosa, o Vaticano II afasta-se dos anátemas de Pio IX e abre caminho novo na abordagem da dignidade humana, constituindo também base essencial um para olhar mais compreensivo e positivo sobre outras tradições religiosas. É a partir de então

que a Igreja inaugura oficialmente um discurso de acolhida dos direitos humanos. (TEIXEIRA, 2013, p. 151).

Documentos e reflexões teológicas que abrem possibilidades diversas para o ecumenismo a Igreja dispõe, o que ela precisa é efetivar isso na ação, e encontramos no meio universitário, na pastoral católica, uma das grandes possibilidades de ver esse sonho cristão se realizar.

1.1 A pluralidade dentro do ensino superior católico

Estamos inseridos numa sociedade plural, marcada por uma cultura na qual muitas coisas são efêmeras, em que num dia dizem muito, e no outro podem não dizer mais nada. Numa sociedade em que se mantem contato virtual com um número de pessoas muito elevado, e por vezes pessoas desconhecidas fisicamente. E tudo numa velocidade de informações altíssima.

Numa sociedade que parece dividida em grupos, que caminham nas ruas lado a lado, mesmo sem se ver, mas que em redes sociais, estão se digladiando para defender seu ponto de vista. Muitas vezes nem querendo escutar ou saber o ponto de partida do outro.

O universo multifacetado da cultura brasileira serve como canal para expressões de convicção de fé diversificadas e, não raro, opostas. O desafio para a teologia ecumênica é respeitar, conviver e articular as diferentes tradições culturais subjacentes às tradições das igrejas, de modo que a cultura se torne um fator de elucidação, seja das causas das divisões entre cristãos, seja dos caminhos a serem percorridos na busca pela unidade. (WOLFF, 2002, p. 214).

O avanço tecnológico e a diversidade de expressões nos possibilitam grandes avanços, o do conhecimento, por exemplo, a troca de saberes e informações na palma da mão. A agilidade nos processos, a aproximação de iguais para somarem forças por um objetivo comum. A interculturalidade, a aproximação idiomática, a liberdade do pensar e do expressar. Estas são aberturas e facilidades do público desse ensino superior.

A globalização e o pluralismo cultural impactam a vida em todas as suas dimensões. Também na maneira de vivenciar a religiosidade e se posicionar e participar de comunidade de fé. A religião, que por muitas vezes era transmitida de geração em geração pela tradição, dá lugar a vivência pela opção pessoal, que parte da convicção. (UNIÃO MARISTA DO BRASIL, 2013a, p. 51).

Muitos autores, estudiosos e mesmo pastoralistas, afirmam com convicção que é preciso buscar meios alternativos para tal ação, tanto quanto forem diferentes as pessoas, seu estilo de vida, seu grupo de pertença, também devem ser variados os métodos, estilos e linguagens da ação pastoral.

De uma forma bem definida temos a pessoa de Jesus, descrito nos Evangelhos, que para cada situação, com um jeito de se posicionar, uma maneira nova de atingir, correspondia ao agir

de cada indivíduo. Sem perder seu objetivo, porém se esforçando ao máximo para ter as pessoas, ele atuava para que o escutassem e vivessem de maneira diferente a partir do encontro. Essa forma de agir, para os que creem é a dinamicidade do Espírito Santo que cria e recria novas formas de evangelizar hoje. Segundo a União Marista do Brasil (2013a, p.56): “Daí recorrem experiências significativas de conversão, de respeito ao sagrado e predisposição ao diálogo inter-religioso.”

Nesta diversidade, pesquisadores nos indicam a crescente busca espiritual da juventude, aliás, de toda a humanidade. Essa busca não se dá de forma tão empolgante nas religiões tradicionais. Parecem que elas têm poucas coisas a dizer a sociedade atual.

Ao longo da existência, nossa realidade espiritual interage dinamicamente com a experiência vital. De um lado, à medida que nos integramos à vivência cotidiana, vai se formando o que entendemos ser nossa espiritualidade. De outro, essa espiritualidade constrói o modo como compreendemos o mundo, as pessoas, Deus e como nos relacionamos com eles. (UNIÃO MARISTA DO BRASIL, 2013a, p. 56).

Nota-se, que além do público alvo da ação pastoral – esta, como já explicitado, ecumênica – se encontram os pastoralistas, pessoas que terão que ter todas estas percepções em vista, e saber administrar os frutos, bem como as adversidades que dali saírem. É de fundamental importância que as equipes sejam compostas por pluralidades, e sem dúvida alguma por pessoas de fé, que participem e estejam engajadas em suas comunidades. Seria estratégico também ter membros não católicos para enriquecer e saber dialogar com maior propriedade perante grupos afins.

2 ATUAÇÃO ECUMÊNICA DA PASTORAL NO ENSINO SUPERIOR CATÓLICO

Ao descrever esse assunto, estamos falando de um projeto de evangelização e, também, de educação, como disse Marcelino Champagnat: “Para ensinar é preciso amar” (FURET, 1989, p. 550), verbos indispensáveis para ação pastoral no ambiente acadêmico. Sem qualquer um deles, a ação não será tão profícua e, como citado acima, não se terá uma pastoral. Além do ensino, uma das ações fundamentais, e que pode ser posta em prática desde o primeiro momento, mesmo sem orçamento, sem pessoal suficiente, ou sem um lugar físico, é o amor. E aqui poderemos descrever páginas e páginas sobre o amor que deve brotar da pastoral. Partindo do pressuposto de que muito já foi escrito, vamos nos dedicar a outros pontos que talvez tenhamos maior dificuldade em descrever.

Conhecer é uma esfera que está intimamente ligado ao amor. Já diz o ditado popular que “não se ama o que não se conhece!”. É preciso então conhecer o acadêmico, tirar tempo para uma conversa, para uma escuta, para um conselho. É necessário saber de que território vem os

acadêmicos, ou mesmo os professores, os colaboradores da instituição. Pois assim, ter-se-á maior propriedade para amá-los e ajudá-los.

A educação e, de maneira mais específica, a educação religiosa pode contribuir de maneira significativa para a construção do sujeito. As relações construídas no espaço educacional com os pares e com os educadores podem mudar completamente os rumos das vidas das pessoas, podem deixar marcas que gerarão seres livres e felizes ou seres frustrados e totalmente dependentes, incapazes de perceber o brilho e o potencial que carregam. (SOUZA, 2013, p. 178).

Como já citado, a pastoral não se responsabiliza tão somente pelo corpo acadêmico da instituição que compõe, mas deve envolver toda a comunidade de ensino em atividade e propostas, de colaboradores a professores. Claro que nenhum desses públicos é obrigado a participar ativamente, ou mesmo participar de alguma proposição. No entanto, precisam saber que existe, saber qual o papel desses articuladores, e o que pode oferecer, para que caso algum dia venham a necessitar, ou simplesmente queiram participar, saibam a quem e onde recorrer. A propósito disso, faz-se necessário explicitar que:

A Pastoral da Universidade, ao interagir com outros setores da instituição, visando compreender e participar do processo formativo que é responsabilidade daqueles que integram o projeto universitário, estará na realidade contribuindo com uma das dimensões da formação integral, ou seja, a sensibilização para a alteridade. Para tanto, se objetiva para esta área: fomentar a formação integral da pessoa humana, como sujeito histórico e comprometido com o seu tempo. (JUNQUEIRA, 2003, p. 54).

Para integrar na ação pastoral a comunidade acadêmica como num todo, é necessário metas, projetos, diretrizes e perspectivas bem claras, do contrário a ação não será tão eficiente – visto a diversidade dos acadêmicos, a peculiaridade de seus cursos e períodos, bem como o turno que frequentam a academia. Há que atingir também professores: especialistas, mestres e doutores, que por vezes não dão a devida credibilidade a ação da pastoral. E o quadro de funcionários, que por vezes são invisibilizados. São focos distintos a serem atingidos.

A comunidade universitária de muitas instituições Católicas inclui colegas pertencentes a outras Igrejas, ou Comunidades eclesiais e religiões, bem como colegas que não professam nenhum credo religioso. Estes homens e estas mulheres contribuem, com a sua formação e experiência, para o progresso das diversas disciplinas acadêmicas, ou para a realização de outras tarefas universitárias. (JOÃO PAULO II, 1990, n. 26).

Além dessas condições todas, temos que pensar sobre a religiosidade dessa gente toda, qual a fé que se tem. Para que além da aproximação e atuação a partir do seu existir, não se ofenda ou agrida a sua fé, pelo contrário, chame a todos para o diálogo, para estar frente a frente como filhos de um mesmo Pai. Afinal, “é neste mundo dividido ideologicamente e

Ecumenicidade na pastoral no ensino superior confessional católico

politicamente que somos chamados à unidade e a testemunhar a seu favor dentro da vida da Igreja.” (WOLFF, 2002, p.72).

Cada instituição católica tem valores e dinamismos comuns, e de acordo com a identidade de cada uma, têm valores e mecanismos de articulação e desenvolvimento próprios. Deve zelar por duas identidades de forma visível: uma universal, a católica romana; e outra mais específica, a carismática que cada instituição emprega na sua pedagogia, sem perder o horizonte em discussão que é o do ecumenismo.

Estes elementos são vitais e orientam permanentemente os seguintes âmbitos: nosso ideal de ser humano e sociedade, nosso jeito de educar, de pesquisar, de aprender e de partilhar o conhecimento; nossos processos pedagógicos, de planejamento, de formação e avaliação; nossos posicionamentos políticos, opções estratégicas e sociais; nosso jeito de administrar, de conviver e de se relacionar com a pluralidade; nosso jeito de celebrar e de dar sentido à vida em suas diversas dimensões (GRUPO MARISTA, 2014, p.124).

Outro papel fundamental da pastoral é articular fé, cultura e ciência, possibilitando o tão esperado diálogo entre estas esferas, ou simplesmente promovendo ensaios de diálogo a serem aprofundados com o tempo e processos realizados. Ressalta-se aqui, que como a pastoral não deve ser um setor a mais dentro do ensino superior católico, assim também o ecumenismo deve ser transversal a todas as áreas. É impossível promover uma evangelização no meio acadêmico sem que se tenha as claras o viés ecumênico.

Todos os processos desenvolvidos só serão válidos se promoverem um espaço privilegiado de desenvolvimento às pessoas atingidas pela ação da pastoral que por natureza deve ser ecumênica. Também deve proporcionar que o conhecimento adquirido pelo estudo seja utilizado para o benefício da sociedade. Em parceria com instituições civis e religiosas, desenvolvam a graça do voluntariado e os tornem mais acessíveis e atentos aos que mais necessitam.

Elas garantem espaço de reflexão, debate, intercâmbios de experiências, participação e protagonismo social, com a finalidade de gerar lideranças jovens criativas, empreendedoras, com consciência cristã solidária, sensibilidade ecológica e comprometimento sociotransformador (GRUPO MARISTA, 2014, p. 125).

Ainda é de interesse ressaltar a comunhão eclesial que a pastoral deve promover. Geralmente os ambientes católicos dispõe de espaços litúrgicos próprios, dinamizam os sacramentos, a liturgia e a orientação espiritual, cultivando sobretudo na Eucaristia o fundamento da fé em parcerias diversas com a diocese e paróquia local.

Como expressão natural da sua identidade católica, a Comunidade universitária deve saber encarnar a fé nas suas atividades quotidianas, com importantes momentos de reflexão e de oração. Serão assim oferecidas aos membros católicos desta Comunidade as oportunidades de assimilar na sua

vida a doutrina e a prática católica. Serão encorajados a participar na celebração dos sacramentos, especialmente no sacramento da Eucaristia, enquanto ato mais perfeito do culto comunitário. (JOÃO PAULO II, 1990, n. 39).

Também se deve promover ações ecumênicas, onde na presença de líderes religiosos possam partilhar a Palavra e o fundamento da fé. É sobre o olhar atento da pastoral que podem ser realizadas ações cristãs não católicas na universidade, sempre em diálogo com os líderes em questão e também cuidando para que não se firam os valores da instituição.

Os variados grupos de jovens que surgem no ambiente universitário devem ser atingidos pelo olhar atento da pastoral. Atenção especial deve ser dada a grupos universitários pertencentes a outras confissões de fé. É interessante que estes grupos juvenis se encontrem pelo menos uma vez ao ano para partilharem seu caminhar, e que possam ser reconhecidos entre si como pessoas que buscam algo em comum, no entanto, não pelas mesmas vias.

Aquelas Comunidades acadêmicas que têm no seu seio uma presença consistente de pessoas pertencentes a Igrejas, a Comunidades eclesiais ou a religiões diversas respeitarão as suas iniciativas de reflexão e oração salvaguardando o seu credo. (JOÃO PAULO II, 1990, n. 39).

A pastoral por ser ecumênica e por ser mecanismo de igualdade no ambiente do ensino superior não deve nunca se fechar em si mesma. Todas as atividades que promovam o diálogo, o conhecimento e a solidariedade sempre devem contar com membros da comunidade acadêmica para ter validade. A pastoral por si só não necessita de boas obras, de mudar sua concepção de mundo, mas as pessoas sim. E deve se aproveitar todas as possibilidades, mesmo que essas gerem mais trabalho que as ordinárias.

Dentre vários outros pontos que poderiam ser postos como ações, nos deteremos em um que sempre causa muita polêmica, que são os símbolos religiosos. Em muitas das instituições católicas, sejam elas dos variados níveis e formas de educação, sempre surge o debate a respeito de quadros, imagens e orações específicas.

Geralmente cai sobre responsabilidade da pastoral administrar estes conflitos e divulgar as explicações que são exigidas pela comunidade acadêmica e frequentadores em geral. Assunto diferente de imagens e símbolos religiosos em repartições públicas e governamentais.

Mas por que se chega a tal discussão? Diferente de um templo católico, ou de qualquer denominação cristã, um espaço de ensino católico está aberto a todos os públicos. E para muitas dessas pessoas, a única opção de estudo, ou de ter um ensino de qualidade é recorrendo a instituições confessionais. A pergunta que surge é como acolher e tornar o espaço um lugar bem quisto, de inclusão, se a instituição tem que zelar por sua identidade?

Na constituição apostólica sobre as universidades católicas, o bispo de Roma esclarece que:

Ecumenicidade na pastoral no ensino superior confessional católico

Afirmando-se como Universidade, cada Universidade Católica mantém com a Igreja uma relação que é essencial à sua identidade institucional. Como tal, ela participa mais diretamente na vida da Igreja particular na qual tem sede, mas, ao mesmo tempo e sendo inserida como instituição acadêmica, pertence à comunidade internacional do saber e da investigação, participa e contribui para a vida da Igreja universal, assumindo, portanto, uma ligação particular com a Santa Sé em virtude do serviço de unidade, que é chamada a realizar em favor de toda a Igreja. Desta sua relação essencial com a Igreja derivam consequentemente a fidelidade da Universidade, como Instituição, à mensagem cristã, o reconhecimento e a adesão à autoridade magisterial da Igreja em matéria de fé e moral. Os membros católicos da Comunidade universitária, por sua vez, são também chamados a uma fidelidade pessoal à Igreja, com tudo quanto isto comporta. Dos membros não católicos, enfim, espera-se o respeito do caráter católico da instituição na qual prestam serviço, enquanto a Universidade, por seu lado, respeitará a sua liberdade religiosa. (JOÃO PAULO II, 1990, n. 27).

Por fim, crê-se que é possível e por vezes fundamental manter em ambientes confessionais católicos símbolos próprios do catolicismo e das variadas instituições religiosas que mantem um ensino de qualidade em nosso país. Uma porque estimulará o diálogo, as discussões e o conhecimento. Para os que não creem e/ou não conhecem será motivo de pesquisa, e para os que professam a fé católica será um reforço a sua identidade religiosa.

Isso implica que o empenho ecumênico não pode ignorar o diálogo com o pluralismo cultural de expressões da fé. Não se pode imaginar a riqueza de experiência com o sagrado comprimida em uma unidade uniforme. Aceitando o pluralismo percebe-se o valor das diferenças. Não há absolutamente necessidade de temê-las ou de sufocá-las. Mas também não se pode simplesmente harmonizá-las. O reconhecimento do diferente pode ser visto como enriquecimento (WOLFF, 2002, p. 215).

Enfim, talvez a pastoral não seja a responsável direta por todos esses pontos de diálogo, esclarecimento e aproximação, mas ela sempre deve estar envolvida nesses movimentos, instigando para que o novo aconteça e que o ensino superior católico seja realmente o que pregamos: aberto a acolher, dialogar, orar e trabalhar juntos.

A pastoral no ensino superior católico deve querer brincar, deve ser como uma criança, que articula com o pai e a mãe os seus desejos; que brinca com propriedade, que sabe o que quer, e que depois de um dia longo de conversas, brincadeiras e brigas com os amigos, sempre volta ao seio da sua família reconciliado com o mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, a ecumenicidade da pastoral se dá na experiência, no contato com os acadêmicos. Ela acontece nos erros e nos acertos, na acolhida de propostas vindas da comunidade acadêmica, que ajudam os responsáveis pela dinamização da pastoral a compreender os sinais dos tempos.

A pastoral no ensino superior católico deve oferecer aos membros da comunidade acadêmica possibilidade de integrar ciência, fé e vida. Esse serviço não pode ser reduzido a

Revista Brasileira de Diálogo Ecumênico e Inter-religioso

eventos ocasionais, mas sim, deve ser fruto de um trabalho sério e bem estruturado que resulte em disseminação dos valores cristãos.

E como visto, por pequenos gestos, atitudes, presença do diferente, acolhida é possível criar um ambiente de fácil acesso, de atividades comuns, de parcerias e somas de boas energias na construção do Reino de Deus. As experiências de subtração e divisão geralmente são mais conflituosas e tensas. enquanto as experiências de adição e multiplicação, levam a uma maior força e maior sintonia.

Este texto quer ajudar a pastoral do meio acadêmico a ser um sinal de acolhimento, de pastoreio dos jovens que ali estão, e, sobretudo, ser sinal da unidade da Igreja de Cristo, num ambiente onde se concentram as diferenças e a diversidade juvenil, num ambiente privilegiado onde se constrói o conhecimento.

REFERÊNCIAS

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documento de Aparecida**. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 9. ed. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulinas; Paulus, 2008.

FURET, João Batista. **Vida e obra de Marcelino José Bento Champagnat**. Casa Generalícia: Roma, 1989.

GRUPO MARISTA. **Diretrizes da ação evangelizadora do Grupo Marista**. 2. ed. São Paulo: FTD, 2014.

_____. **Nossos valores, um estilo marista próprio**. 2. ed. São Paulo: FTD, 2013.

JOÃO PAULO II. Constituição apostólica Ex corde Ecclesiae: sobre as universidades católicas. **A Santa Sé**, 15 ago. 1990. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_constitutions/documents/hf_jp-ii_apc_15081990_ex-corde-ecclesiae.html>. Acesso em: 9 abr. 2016.

JUNQUEIRA, Sérgio (Org.). **A identidade pedagógica da pastoral na universidade católica**. Curitiba: Editora Champagnat, 2003.

SOUZA, Hildete de. Educação religiosa e juventude. In: UNIÃO MARISTA DO BRASIL. **Utopias do Vaticano II**. Que sociedade queremos? Diálogos. Brasília: UMBRASIL; São Paulo: Paulinas, 2013. p. 165-180.

TEIXEIRA, Faustino. Sinais de abertura: liberdade religiosa, ecumenismo e diálogo inter-religioso. In: UNIÃO MARISTA DO BRASIL. **Utopias do Vaticano II**. Que sociedade queremos? Diálogos. Brasília: UMBRASIL; São Paulo: Paulinas, 2013. p. 149-164.

UNIÃO MARISTA DO BRASIL. **Diretrizes da ação pastoral evangelizadora para o Brasil marista**. Brasília, 2013a.

_____. **Utopias do Vaticano II**. **Utopias do Vaticano II**. Que sociedade queremos? Diálogos. Brasília: UMBRASIL; São Paulo: Paulinas, 2013b.

WOLFF, Elias. **Caminhos do ecumenismo no Brasil**: história, teologia, pastoral. São Paulo: Paulus, 2002.